

## O enfermeiro e o impacto da COVID-19 no aumento da violência contra parceiro íntimo

*The nurse and the impact of COVID-19 on the increase in intimate partner violence*

*La enfermera y el impacto de la COVID-19 en el aumento de la violencia de pareja*

**Bruno Martins Pinto<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0001-8222-8970

**Cristiane Maria Amorim Costa<sup>1\*</sup>**

ORCID: 0000-0003-1089-2092

**Michelle Amorim Ferreira<sup>2</sup>**

ORCID: 0000-0001-5585-4925

**Barbara Cristina Gonçalves dos Santos<sup>3</sup>**

ORCID: 0000-0002-0053-5713

**Raphaella Nunes Alves<sup>1</sup>**

ORCID: 0000-0001-6779-1685

**Manoela Braga Alves Pinto<sup>4</sup>**

ORCID: 0009-0000-2509-1410

<sup>1</sup>Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>2</sup>Instituto D'Or de Ensino e Pesquisa. Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>3</sup>Universidade Veiga de Almeida. Rio de Janeiro, Brasil.

<sup>4</sup>Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, Brasil.

### Como citar este artigo:

Pinto BM, Costa CMA, Ferreira MA, Santos BCG, Alves RN, Pinto MBA. O enfermeiro e o impacto da COVID-19 no aumento da violência contra parceiro íntimo. Glob Acad Nurs. 2023;4(2):e381.

<https://dx.doi.org/10.5935/2675-5602.20200381>

### \*Autor correspondente:

[cmacosta1964@gmail.com](mailto:cmacosta1964@gmail.com)

**Submissão:** 19-04-2023

**Aprovação:** 25-07-2023

### Resumo

Objetivou-se identificar a a relação dos Determinantes Sociais de Saúde com o agravamento da violência por parceiro íntimo na pandemia. Trata-se de uma revisão integrativa, de caráter descritivo, realizada na SciELO e bases da BVS, de setembro a outubro de 2021, que possibilitou identificar a escassez quanto a produções que abordem o papel do enfermeiro no acolhimento. A partir de oito estudos selecionados, aponta-se a instabilidade econômica, desemprego, baixa renda e inseguranças relacionadas ao contágio pela COVID-19 como principais fatores geradores de tensão no âmbito familiar. Ainda foi possível identificar comportamentos como o consumo de álcool presente nas situações de violência e mulheres negras, com baixa escolaridade, que possuem mais filhos e que sejam dependentes financeiramente como principais grupos de risco para vivenciar agressões no âmbito conjugal. Vale ressaltar que, por se tratar de um tema intrínseco a tabus, medo e falta de credibilidade em relação as denúncias das vítimas, muitos dados obtidos pelas pesquisas podem ter seus resultados "camuflados" por subnotificações, impedimentos quanto às denúncias – como ameaças à mulher, ou até mesmo mais agressões.

**Descritores:** Determinantes Sociais da Saúde; COVID-19; Violência Por Parceiro Íntimo; Isolamento Social.

### Abstract

The aim was to identify the relationship between Social Determinants of Health and the worsening of intimate partner violence during the pandemic. This is an integrative, descriptive review, carried out in SciELO and VHL databases, from September to October 2021. It made it possible to identify the scarcity of productions that address the role of nurses in reception. From eight selected studies, economic instability, unemployment, low income, and insecurities related to the contagion of COVID-19 are highlighted as the main factors generating tension within the family. It was also possible to identify behaviors such as alcohol consumption present in situations of violence and black women, with low education, who have more children, and who are financially dependent as the main risk groups for experiencing aggression in the marital context. It is worth mentioning that, as this is a topic intrinsic to taboos, fear, and lack of credibility concerning victims' complaints, much of the data obtained through research may have its results "camouflaged" by underreporting, impediments to complaints - such as threats to women, or even more aggression.

**Descriptors:** Social Determinants of Health; COVID-19; Violence by Intimate Partner; Social Isolation.

### Resumen

El objetivo fue identificar la relación entre los Determinantes Sociales de la Salud y el agravamiento de la violencia de pareja durante la pandemia. Se trata de una revisión integradora, descriptiva, realizada en las bases de datos SciELO y BVS, de septiembre a octubre de 2021, que permitió identificar la escasez de producciones que aborden el rol del enfermero en recepción. De ocho estudios seleccionados, la inestabilidad económica, el desempleo, los bajos ingresos y las inseguridades relacionadas al contagio por la COVID-19 se destacan como los principales factores generadores de tensión en el seno de la familia. También fue posible identificar conductas como el consumo de alcohol presente en situaciones de violencia y las mujeres negras, con baja escolaridad, que tienen más hijos y que son económicamente dependientes como los principales grupos de riesgo para experimentar agresión en el contexto conyugal. Cabe mencionar que, al tratarse de un tema intrínseco a los tabúes, al miedo y a la falta de credibilidad en relación a las denuncias de las víctimas, muchos de los datos obtenidos a través de las investigaciones pueden tener sus resultados "camuflados" por subregistro, impedimentos a las denuncias -como amenazas a las mujeres, o incluso más agresiones.

**Descritores:** Determinantes Sociales de la Salud; COVID-19; Violencia de Pareja; Aislamiento Social.



## Introdução

Os Determinantes Sociais de Saúde (DSS), segundo a 62ª Assembleia Mundial de Saúde da Organização Mundial de Saúde (OMS)<sup>1</sup>, “são determinantes estruturais e condições da vida cotidiana, responsáveis pela maior parte das iniquidades em saúde entre os países e internamente”. Estão incluídos a distribuição de poder, renda, bens e serviços e as condições de vida das pessoas, e o seu acesso ao cuidado à saúde, escolas e educação; suas condições de trabalho e lazer; e o estado de sua moradia e ambiente.

Os fatores citados acima também são respaldados pela Comissão Nacional sobre os Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS), criada em 2006, pela qual podemos citar outros agentes que influenciam a vida do ser humano, como: os aspectos psicológico, comportamental e de gênero; ampliando o espectro de análise de uma determinada realidade, sociedade ou grupo social. Através dos DDS, de alguma forma, denuncia-se inúmeras realidades as quais o sujeito vivenciará e definem condições de saúde que excedem o cuidado unicamente clínico<sup>2</sup>.

Pesquisadora<sup>3</sup> exemplifica ao abordar a relação entre níveis mais desenvolvidos de educação, moradia e ofertas de emprego. A autora ainda cita a segregação que há em relação aos grupos sociais de determinados bairros periféricos. Trazendo esse contexto para a atualidade, pode-se facilmente correlacionar os DSS com a pandemia do novo Coronavírus, que, após pouco mais de um ano, já modificou o cenário da saúde mundial e impactou em diferentes determinantes.

O histórico da COVID-19 tem seu início marcado em dezembro de 2019, quando há registros dos primeiros casos de transmissão em Wuhan, China. Após a constatação da alta taxa de transmissibilidade (estimada em 4,08), diversos estudos foram iniciados com o intuito de propor ações de combate ao avançada doença mundo afora<sup>4,5</sup>.

A associação da condição do vírus, somada ao fenômeno da globalização, gerou um rápido alastramento do microrganismo e em 11 de março de 2020 foi decretado, pela OMS, o estado de Pandemia, visto que a Síndrome Respiratória Aguda Grave do Novo Coronavírus (SARS-CoV-2) já havia afetado mais de 118 mil pessoas em mais de 114 países<sup>6,7</sup>.

Inevitavelmente, os desdobramentos da SARS-CoV-2 se apresentam de maneiras diferentes, principalmente em países mais desiguais, vistas as condições que encontramos em locais como o Brasil, que se contrapõe à Nova Zelândia, por exemplo, comprovando a necessidade de se discutir tal assunto. O Brasil pode ser considerado um dos países mais afetados pela pandemia e seus desdobramentos, visto que pouco mais de um ano após o primeiro caso confirmado no território brasileiro, batemos um novo recorde de mortes em 24 horas, com 3.650 óbitos no dia 26 de março de 2021. Por outro lado, segundo um estudo feito pelo Instituto de Pesquisa Australiano Lowy, a população neozelandesa foi a que melhor lidou com a pandemia e seus desdobramentos, somando aproximadamente 2299 casos da doença até janeiro de 2021<sup>8-10</sup>.

Em relação ao impacto da pandemia sobre os DDS, segundo um boletim do Ministério da Saúde, realizado com

dados até a data de 02 de janeiro de 2021, foi constatado um percentual de 74,2% de óbitos em pessoas acima de 60 anos em relação ao número total de mortos. Além disso, há ainda outros impactos no tocante aos DSS, principalmente os relacionados à renda, desemprego, moradia e a vulnerabilidade do gênero na quarentena. O levantamento realizado pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) identificou que os trabalhadores informais foram os que mais sofreram com a pandemia, além de ressaltar que o impacto no mercado de trabalho não é homogêneo entre faixas etárias, sexos e níveis de escolaridade. Com dados da Organização Internacional do Trabalho (OIT) e micro dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), foi verificado que, ainda em 2019, dentre 64 países analisados, o Brasil contava com 55,8% de sua população em idade de trabalhar ocupada. Após um ano, o país passou a ter sua menor taxa, (48,8%). Também foi constatado que após essa queda, o Brasil passou a ter níveis de ocupação mais baixos que os de 76,2% dos 63 demais países participantes da compilação. É imprescindível que seja feita a análise da influência entre as mudanças que ocorreram na renda das famílias brasileiras no período de quarentena, pois com o isolamento social, muitos indivíduos perderam seus empregos ou ficaram impossibilitados de exercê-los de forma plena. Esse fato gera menor renda familiar que, junto a preocupação causada pelo medo da doença, angústia advinda do distanciamento e estresse causado pelo convívio 24 horas por dia, cria um efeito cascata impactando diretamente no relacionamento familiar e podendo se tornar um potencializador para casos de violência doméstica, por exemplo<sup>11,12</sup>.

Trazendo esse conceito para uma forma mais específica, chegamos ao termo “violência do parceiro íntimo”, que se define como atos de agressão física, sexual ou psicológica, incluindo também comportamentos controladores, tanto de parceiros atuais quanto dos passados<sup>13</sup>.

Dito isso, podemos pontuar alguns fatores que permitiram durante séculos, a perpetuação da mulher como principal alvo dessas formas de opressão, apesar de se haver a possibilidade de homens ou casais do mesmo sexo serem vítimas.

Existem as chamadas ideologias do direito masculino ao sexo, que por meio de inúmeras crenças culturais - já enraizadas em nossa sociedade -, fazem com que o homem não considere a vontade da mulher; ou simplesmente não entenda como direito feminino se abster de qualquer relação, seja sexual ou não<sup>14</sup>.

Outro ponto crucial, e que ajuda a manter esse cenário de desigualdade entre os gêneros, é a questão da Honra Familiar. Em diversas culturas, e não muito distantes de nós, fazem com que o homem não seja punido por atos de cunho sexual sem consentimento. Entretanto, para a mulher, o que se percebe é o julgamento, a culpabilização e até mesmo casos de assassinato para que se acoberte algum vestígio daquela relação não desejada<sup>14</sup>.

Além disso, é apontada pela literatura a escassez de dados que comprovem de maneira fundamentada os agravos



da pandemia nos casos de violência por parceiro íntimo. Essa realidade se contrapõe aos relatos organizacionais e cobertura de mídias, que evidenciam um aumento considerável de violência no âmbito doméstico praticada pelo parceiro íntimo<sup>15</sup>.

Da mesma forma, percebe-se que, paralelamente à pandemia, os casos de feminicídio têm sofrido aumento ano após ano. Em um comparativo entre 2017 e 2019, foi verificado um aumento de 22,9% em 2017; 28,1% em 2018 e 35,1% em 2019<sup>16</sup>.

Fazendo uma conexão entre as explicações acima e a atual conjuntura brasileira, é possível verificar por meio das mídias sociais e de publicações nacionais e internacionais, um crescimento substancial do quantitativo de mulheres que sofreram algum tipo de violência - física, verbal, sexual ou mental - e passaram a se sentir ainda mais submissas no período da quarentena. Essa população, que antes ainda podia sair para suas jornadas de trabalho, agora enfrentam jornadas diárias encarando seu maior desafio: conviver com seus potenciais agressores.

De acordo com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública, em 2020, houve aumento de 22,2% do número de casos de feminicídio entre março e abril do mesmo ano. Já em relação às ligações ao 190, foi constatado um acréscimo de 37,6% em abril. Outro dado alarmante é a subnotificação dos casos de estupro, que pode ser relacionada ao cenário de distanciamento social e a dificuldade do acesso à delegacia. São dados como esses que fundamentizam discussões desse âmbito, pois evidenciam a gravidade e a forma como a sociedade, apesar de sofrer mudanças ao longo dos anos e evoluir em certos aspectos, ainda assim mantém as inequidades de gênero e a submissão feminina<sup>17</sup>.

O presente estudo tem sua importância vista a atual conjuntura brasileira e mundial, e apesar de não ser um problema novo, teve a implementação da quarentena como possível potencializador de casos de violência do parceiro íntimo. Para isso, faz-se necessário um estudo dos Determinantes Sociais da Saúde, que contemplam diversos agentes que podem aumentar ou diminuir os riscos de se vivenciar casos de agressão íntima. Além disso, é importante que haja um conhecimento amplo das características que configuram relações predispostas a sofrerem algum tipo de violência, para que assim sejam criados métodos mais eficazes de acolhimento e busca ativa de possíveis vítimas ou perpetradores.

Dessa forma, busca-se entender como o enfermeiro deve atuar em locais de atendimento às vítimas, sabendo avaliar sinais de perigo, além do devido encaminhamento para os demais ramos do atendimento em saúde, como o psicológico e social. Baseado na contextualização introdutória que foi exposta acima, objetivou-se identificar a relação dos Determinantes Sociais de Saúde com o agravamento da violência por parceiro íntimo na pandemia.

## Metodologia

Trata-se de uma revisão integrativa, a qual surge em virtude da quantidade crescente e complexidade das produções na área de saúde. Esse método proporciona a

síntese do conhecimento e a incorporação de evidências para a aplicabilidade dos seus resultados em função dos avanços em saúde. Além disso, a pesquisa integrativa tem sua origem na junção de conceitos e ideias das pesquisas já existentes<sup>18,19</sup>.

É destacado que esse método de estudo é composto por cinco etapas: 1ª etapa (identificar o tema e selecionar a questão de pesquisa para a elaboração da revisão); 2ª etapa (estabelecer os critérios de inclusão e exclusão de busca na literatura); 3ª etapa (definir as informações a serem sintetizadas a partir dos materiais selecionados e filtrados na etapa anterior); 4ª etapa (permite a categorização dos estudos selecionados); 5ª etapa (é feita a análise e interpretação dos resultados) e 6ª etapa (é sintetizada toda a informação coletada)<sup>20</sup>.

Seguindo o esquema apresentado acima, na primeira etapa foi definido o seguinte tema: o impacto da COVID-19 nos determinantes sociais de saúde, com foco na análise da influência do isolamento social no aumento da violência contra parceiro íntimo; e a seguinte questão de pesquisa: “Quais são os DSS, comportamentos e hábitos, apontados na literatura, que são relacionados com o agravamento da violência do parceiro íntimo na pandemia?”.

Na segunda etapa, foram definidos os critérios de seleção dos materiais a serem analisados. Tendo por inclusão: publicações dos últimos três anos, em língua portuguesa, que estão cadastrados no *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), disponíveis na íntegra; e por exclusão: teses, livros, dissertações, anais de congressos, artigos duplicados e que não respondam à pergunta de pesquisa.

Na terceira etapa, para a seleção do material que foi analisado, fez-se o uso dos seguintes descritores cadastrados no site Descritores em Ciências da Saúde (DECS): “Determinantes Sociais da Saúde”; “COVID-19”; “Betacoronavirus”; “Violência contra a Mulher”; “Violência por Parceiro Íntimo” e “Papel do Profissional de Enfermagem”. Além disso, para possibilitar uma busca mais abrangente em torno da questão de pesquisa, foram utilizados os operadores booleanos “AND” e “OR”: “Determinantes Sociais da Saúde” AND “Violência Contra a Mulher” OR “Violência por Parceiro Íntimo”, “Determinantes Sociais da Saúde” AND “COVID-19” OR “Betacoronavirus”, “Violência Contra a Mulher” OR “Violência por Parceiro Íntimo” AND “COVID-19” OR “Betacoronavirus” “Determinantes Sociais da Saúde” AND “Violência Contra a Mulher” OR “Violência por Parceiro Íntimo” AND “COVID-19” OR “Betacoronavirus” AND “Papel do Profissional de Enfermagem”, “Violência Contra a Mulher” OR “Violência por Parceiro Íntimo” AND “Papel do Profissional de Enfermagem”. Estes dados foram descritos em uma tabela e os artigos selecionados separados para análise.

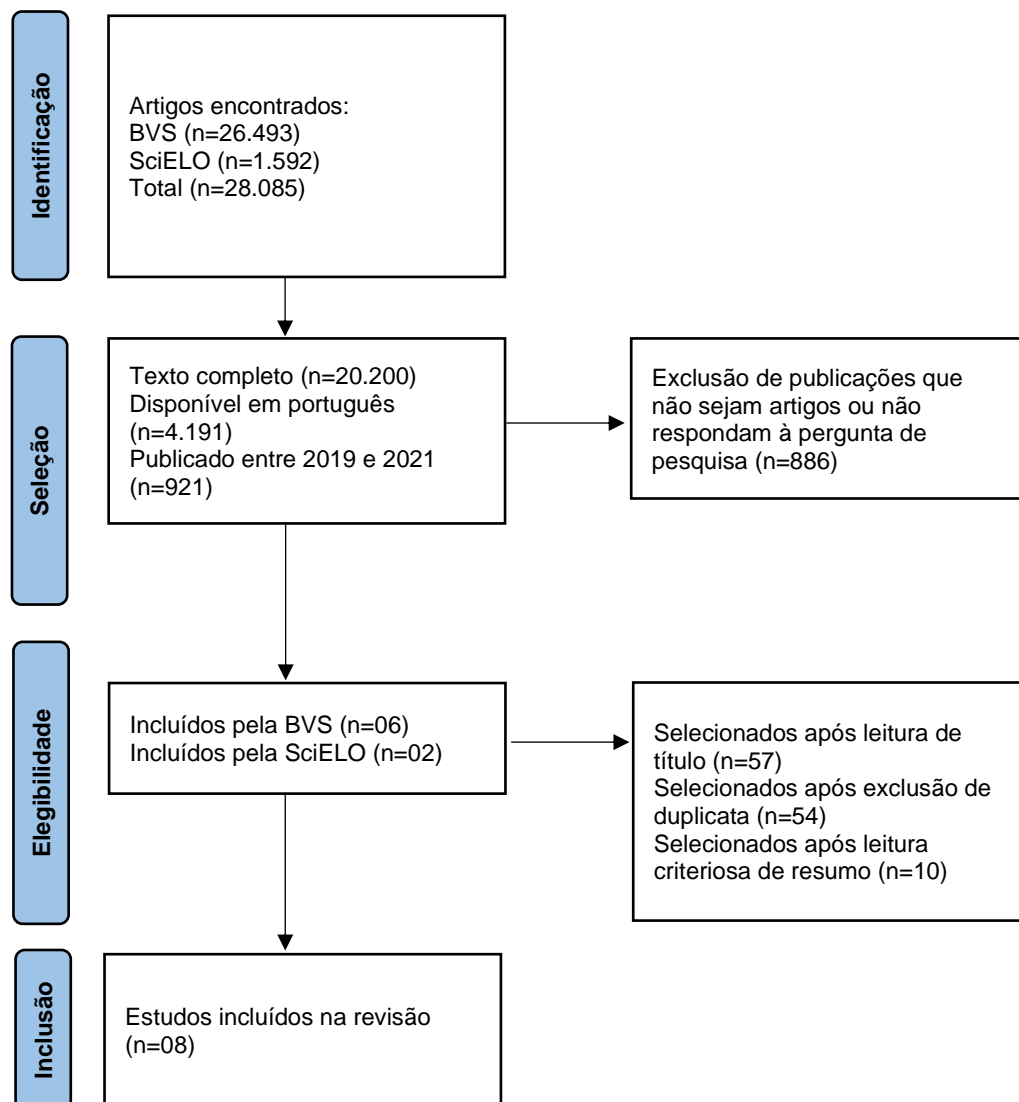
Na quarta etapa, foram aplicados os critérios de inclusão e exclusão para definição dos artigos selecionados. Após, foram analisados quanto ao título, resumo e texto completo para verificar se respondiam à questão da revisão integrativa. Também foi exposto através do fluxograma de busca e seleção dos estudos (Figura 1), com o passo a passo



Na quinta etapa, foi realizada a análise das informações, onde foram apresentados os dados quantitativos a partir da Tabela. Assim como a análise qualitativa, seguindo a análise de Conteúdo de Bardin<sup>21</sup>.

da seleção dos artigos, contendo os processos de identificação, seleção, elegibilidade e inclusão. Todos os dados foram organizados em um quadro a partir dos seguintes elementos: ano, estado, título, autores, base de dados, tipo de estudo e principais resultados. A busca dos

Figura 1. Fluxograma de acordo com o checklist PRISMA. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2021



## Resultados

O processo de busca, esquematizado através do fluxograma (Figura 1), culminou em um total de 28.085 artigos encontrados, sendo eles 26.493 pela BVS e 1.592 pela SciELO. Dessa forma foram excluídas 7.885 publicações por não conterem texto completo, 16.009 por não estarem disponíveis em português, 3.270 por terem sido publicados fora do período dos últimos três anos (2019 – 2021), e 35 publicações que não se tratava de artigos ou não respondiam à pergunta de pesquisa. A seguir, foram excluídos mais 829 artigos após leitura de título, três por serem duplicatas e ao fim de uma leitura criteriosa de resumo foram excluídas mais 44 publicações por desviarem da temática proposta. Por fim, foram selecionados 10 artigos, que passaram por uma leitura e análise quanto ao seu conteúdo, sendo excluídos mais dois

materiais. Ao fim, foram incluídos oito artigos para a revisão, sendo seis pela BVS e dois pela SciELO.

Inicialmente, foi possível perceber uma escassez em relação a produções que abordem esta temática, principalmente quando houve o cruzamento de descritores junto ao “Papel do Profissional de Enfermagem”. Além disso, muitos dos resultados obtidos com a utilização do descritor “Determinantes Sociais da Saúde” eram relativos à uma temática que transpassava a proposta pela pergunta de pesquisa. Dessa forma, os principais materiais, incluindo os que foram selecionados para participar da revisão integrativa, originaram-se através da pesquisa utilizando descritores relacionados diretamente à VPI/ VCM e COVID-19/ Betacoronavirus. Além disso, também foi possível observar que não há materiais abordando a temática da pesquisa no que se refere a ações de enfermagem, planos de ações ou

protocolos específicos a esta situação.

Dos artigos selecionados, um se configura como *scoping review*, trazendo uma análise quanto à situação da VPI em tempos de COVID-19, visando relacionar os inúmeros fatores que podem contribuir para o aumento dos casos de agressão neste cenário. Grande parte dos demais materiais trata a respeito da violência doméstica nos tempos de pandemia, abordando relações de intensificação/perpetração, assim como a importância de se estabelecer

protocolos de atendimento que visem o cuidado integral e multidisciplinar. Percebe-se além disso, que há uma discussão em torno dos aspectos socioculturais, atrelados ao patriarcado e à submissão feminina. Também há artigos que trazem dados sobre o perfil das vítimas e suas características sociodemográficas e conjugais, abordando o consumo de álcool e situações de violência. Diante disso, os oito artigos selecionados para objeto de estudo foram descritos em um quadro, contendo os principais resultados (Quadro 1).

Quadro 1. Principais variáveis dos artigos selecionados. Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 2021

Ano e Estado	Título	Autores	Base de dados	Tipo de estudo	Principais resultados
2019, Paraná	Diminuição no uso de bebidas alcoólicas e a violência pelo parceiro íntimo	Juliano Kazuo Yoshizawa; Lucas Nascimento; Pedro Iora; Sandra Marisa Peloso; Maria Dalva de Barros Carvalho	BVS	Artigo de Pesquisa	Identificou uma relação direta entre períodos de abstinência de álcool e a diminuição substancial dos casos de violência sofrida pelas mulheres.
2020, Rio Grande do Sul	Desafios na proteção às mulheres em situação de violência no Contexto de pandemia da COVID-19	Laura Ferreira Cortes; Jaqueline Arboit Rubia; Geovana Smaniotto Gehlen; Tais Tasqueto Tassinari; Letícia Becker Vieira; Stela Maris de Mello Padoin; Maria Celeste Landerdahl	BVS	Artigo de Reflexão	Identificou fatores de risco relacionados à permanência das mulheres em distanciamento social no contexto de violência por parceiro íntimo. Apontou as instabilidades, principalmente econômica e social, como possíveis motivos para um aumento de casos de violência contra a mulher.
2020, Rio de Janeiro	Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da COVID-19	Andrey Ferreira da Silva; Fernanda Matheus Estrela Caroline Fernandes Soares e Soares; Júlia Renata Fernandes de Magalhães; Nayara Silva Lima; Ariane Cedraz Moraes; Nadirlene Pereira Gomes; Vera Lúcia de Azevedo Lima	SciELO	Artigo de Pesquisa	Relação entre Instabilidade econômica, uso/abuso de álcool e outras drogas e enfraquecimento da rede de apoio da mulher, levando em conta o cenário de pandemia. Apontou também uma relação de aumento dos casos de violência no âmbito conjugal em períodos de grandes desastres e crises econômicas.
2019, Ceará	Fatores associados ao uso do álcool entre homens autores de violência por parceiro íntimo no Ceará	Marcos Silva dos Santos, Raimunda Hermelinda Maia Macena, Rosa Maria Salani Mota, Willian Menezes de Souza José Edir Paixão de Sousa, Francisco Wesley de Souza Cavalcante, Kaytianne Jennifer da Costa Câmara	BVS	Artigo de Pesquisa	Constatou a relação entre abuso de álcool entre os homens moradores no Ceará e o aumento dos casos de violência por parceiro íntimo. Também determina possíveis características destes homens em relação ao consumo de bebidas, como serem moradores de áreas rurais. Além disso, associa tabagismo e alcoolismo, e os motivos que viabilizam o consumo, como baixo custo e permissibilidade social.
2020, São Paulo	Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela?	Pâmela Rocha Vieira; Leila Posenato Garcia; Ethel Leonor Noia Maciel	BVS	Artigo de Pesquisa	Analisaram-se dados obtidos pela imprensa de diversos países, junto a uma revisão de literatura na qual se discute o papel da mulher na sociedade.
2020, Lisboa	Violência por parceiro íntimo em tempos da COVID-19: <i>scoping review</i>	Wanderlei Oliveira; Juliana Magrin; André Andrade; Denise Michele; Diene Carlos; José Fernández; Marta Silva; Manoel Santos	SciELO	Artigo de Pesquisa	Verificou-se que medidas de diminuição do contágio da COVID-19, como o isolamento social, favorecem o aumento dos casos de violência doméstica. Também são analisadas variáveis socioeconômicas, comportamentos de risco à saúde e aspectos psicológicos como potencializadores dos casos. Além disso, destaca importantes fatores como o “papel social da mulher” e a divisão desigual de tarefas domésticas como motivos de sobrecarga no âmbito familiar.
2019, Rondônia	Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia - Brasil	Caio Alves Barbosa de Oliveira Lucas Noronha de Alencar Rebeca Ribeiro Cardena Kátia Fernanda Alves Moreira Priscilla Perez da Silva Pereira Daiana Evangelista Rodrigues Fernandes	BVS	Artigo de Pesquisa	Aborda quais são as principais características relacionadas à violência contra a mulher, segundo faixa etária, raça/cor da pele, escolaridade e situação conjugal no estado de Rondônia. Também aborda quais são os tipos de violência que mais ocorrem, da mesma forma que aponta dados relacionados a maneira como são executados e sua relação com abuso sexual.



2019, Juiz de Fora	Características sociodemográficas e conjugais de mulheres com história de violência conjugal	Gilvânia Patrícia do Nascimento Paixão; Nadirlene Pereira Gomes; Normélia Maria Freire Diniz; Álvaro Pereira; Dália Maria de Sousa Gonçalves da Costa; Rosana Santos Mota	BVS	Artigo de Pesquisa	Os resultados mostraram que as entrevistadas eram caracterizadas predominantemente como negras, com baixa escolaridade e dependentes economicamente do cônjuge. A maior parte das mulheres convive com os companheiros a uma média de 11 anos, e o uso/abuso de substâncias lícitas/ ilícitas foi considerável entre as entrevistadas, com maior referência ao álcool.
-----------------------	--	---	-----	--------------------	--

## Discussão

A literatura apresenta certos aspectos como possíveis intensificadores dos casos de violência por parceiro íntimo no âmbito doméstico e, principalmente, acometendo as mulheres no contexto de isolamento social. Apesar de ser considerado um problema crônico de saúde pública, e que não surgiu no momento de pandemia, alguns autores apontam determinados fatores como possíveis agravantes desses casos. A necessidade de se adotar métodos não farmacológicos, como o distanciamento social, visando conter os avanços da COVID-19, propicia um cenário onde muitas mulheres se veem obrigadas a permanecer em tempo integral ao lado de seus agressores, o que aumenta os períodos de exposição/contato com o perpetrador. Outro fator apontado pelos autores consiste na quebra da rede de apoio destas mulheres, as quais encontravam-se impedidas de recorrer a qualquer tipo de ajuda, tanto de familiares quanto de amigos próximos<sup>22</sup>.

Os elementos intensificadores podem ter relação com a instabilidade econômica advinda da conjuntura caracterizada por redução de salários, desemprego e dependência econômica feminina. Inclusive, este fato é apontado como possível estopim para cenários de violência. Isso porque, em momentos de recessão econômica, há maiores chances de se perder o emprego, favorecendo e potencializando comportamentos mais agressivos à medida que o desemprego implica em redução da renda familiar e faz emergir um cotidiano mais estressante. Além disso, cita-se que a Organização Internacional do Trabalho (OIT) estima que, aproximadamente, 25 milhões de pessoas percam sua fonte de renda com a pandemia, corroborando com a relevância do assunto<sup>23</sup>.

Estudo<sup>24</sup> também aborda este assunto, citando-o como uma das principais dificuldades no enfrentamento do aumento de casos de VPI na pandemia. Ela ainda relaciona o contexto de distanciamento com o aumento das possibilidades de haver atos de agressão. Isso porque, com o isolamento social, as mulheres permanecem em uma situação de isolamento no que diz respeito às suas redes de apoio, além do convívio em período integral com agressores e instabilidade emocional advinda das inseguranças quanto à COVID-19. A autora ainda cita a “rota crítica”, definida por Sagot, a qual se estabelece no momento em que a mulher decide romper as agressões, e definida por tornar pública a situação e recorrer a apoio – seja social ou em serviços especializados de atendimento à mulher.

Segundo a literatura, ainda é possível relacionar períodos de grandes catástrofes e instabilidades econômicas com o aumento do número de casos de violência. Após nove meses da passagem do Furacão Katrina nos Estados Unidos,

foi possível identificar que o número de VPI triplicou e os incidentes de estupro aumentaram em 16 vezes<sup>23</sup>.

Ainda na temática dos fatores que contribuem para o aumento dos casos de violência, alguns estudos abordam a relação intrínseca entre o consumo do álcool e os episódios de violência. Um estudo<sup>25</sup> nos permite visualizar as interferências causadas pela bebida em contrapartida aos efeitos advindos da diminuição do consumo. De acordo com o autor, cerca de 64% das companheiras de homens que praticavam algum tipo de violência relataram que deixaram de sofrê-la no período da abstinência.

Ainda quanto ao uso de bebidas alcoólicas, um estudo<sup>26</sup> constatou que há fatores de maior e menor risco associados ao consumo alcoólico, tais como: “homens de origem rural, que fumam, auto afirmam-se ciumentos e informam ter possuído outro(s) relacionamento(s) fixo(s) antes do atual.” Esta relação se estabelece porque o álcool se trata de uma substância de baixo custo relativo e psicoativa que, dentre demais efeitos, causa desinibição comportamental. O mesmo autor ainda identifica a prevalência de casos relacionados a VPI em países e regiões onde a cultura do patriarcalismo é mais evidente, devido às maiores desigualdades de gênero.

Ainda aborda-se a temática das divisões de gênero, identificando desigualdades que sobrecarregam, majoritariamente, mulheres casadas e que possuem filhos. O mesmo estudo ainda identifica problemáticas quanto à falta de políticas públicas voltadas a assistir essas mulheres e o impacto do trabalho em estilo *home office* no aumento do serviço doméstico visto que as tarefas aumentam ao passo que há mais pessoas em casa<sup>27</sup>.

Outro estudo, relacionado a características das vítimas de VPI, caracteriza a predominância de mulheres negras no contexto de vitimização e vulnerabilidade para a vivência relacionada a violência e morte. No mesmo estudo, foi abordado ainda uma relação entre o aumento da taxa de homicídio acometendo mulheres negras (+ 19,5%) e a redução no que diz respeito às mulheres brancas (- 11,9%)<sup>28</sup>.

Já em relação a aspectos socioeconômicos, é apontado que mulheres com menor escolaridade tornam-se mais vulneráveis à VPI, configurando-se assim um potencial fator de risco. Ainda sobre fatores econômicos, é considerado que há uma relação entre baixa escolaridade e empregos com baixa remuneração, devido à pouca qualificação de mercado. Com base nesse aspecto, muitas mulheres podem encontrar-se em uma realidade de dependência financeira, apesar de estarem trabalhando ou não<sup>28</sup>.

O mesmo estudo ainda traz uma comparação entre mulheres financeiramente independentes e dependentes,



sendo estabelecido um fator de risco ao passo que há maior dependência conjugal em relação à renda. Também são citados fatores que corroboram com a permanência de mulheres em situações de risco para violência, como: medo, vergonha, dependência emocional e angústias em relação a guarda de filhos ou insegurança quanto à capacidade de sustentá-los. No mesmo estudo foi constatado que 90% dessas mulheres possuíam filhos, e relacionou ainda o aumento da dependência conforme o número crescente de filhos<sup>28</sup>.

Estudo<sup>29</sup> permite visualizar a Rede Básica como principal local de encaminhamento das mulheres vítimas de agressão, seguido das delegacias especializadas. Porém, apesar da relevância da Atenção Primária no acolhimento, aponta-se uma maior dificuldade de manter os atendimentos em sua plenitude. Isso ocorreu pois, com a pandemia, muitos serviços e recursos – financeiros e humanos – precisaram ser redirecionados, e até mesmo os especializados voltados ao cuidado às mulheres necessitaram de maior enfoque em outras linhas de cuidado, como as consultas de pré-natal. Além disso, a própria procura das mulheres foi diminuída, devido principalmente ao medo do contágio próprio ou de familiares<sup>24,27</sup>.

Observa-se um estudo mais aprofundado a respeito das características que predominam sobre as mulheres vítimas de violência. Em um quantitativo de 1.696 casos notificados ao SINAN (Porto Velho/RO), no período de 2007 a 2015, as a maioria das vítimas pertenciam à faixa etária entre 19 e 39 anos de idade (57,72%); seguida das adolescentes (17,75%). Em relação à raça/ cor, houve predominância de mulheres autodeclaradas negras (63,80%), e considerando o nível de escolaridade, (40,63%) possuíam apenas ensino fundamental completo. Voltando os olhos para os aspectos relacionados aos tipos de violência cometidos, (47,36%) tratava-se de violência física – espancamento sendo a forma predominante nesta forma de agressão (52,17%) - acompanhados da sexual (23,58%) e psicológica (20,23%). Ainda vale ressaltar que, dentre a porcentagem relacionada à violência sexual, (85,99%) foram cometidas através de estupro<sup>29</sup>.

A pesquisa ainda aborda que os episódios de agressão ocorrem majoritariamente nos domicílios (65,21%) e no período noturno – das 18 às 23:59- (18,81%), apesar de ter sido constatada uma transição ao longo dos anos de estudo para uma prevalência maior nos períodos vespertino e matutino. A presença do álcool nos momentos de agressão também foi apresentada em um percentual de 38,80%. Além disso, foi possível perceber que a maior porcentagem das vítimas pertencia ao grupo das mulheres solteiras (47,64%). Este dado vem contra o que alguns autores abordam em relação aos riscos de as mulheres sofrerem qualquer tipo de violência. Porém, ainda no mesmo artigo, diz-se que este resultado pode indicar que as mulheres solteiras possuem mais coragem e estímulo quanto a denunciar seus agressores. Em contrapartida, a valorização da união matrimonial e a religião das mulheres podem ser considerados importantes fatores de risco para impedir as denúncias e, dessa forma, camuflar a realidade<sup>29</sup>.

Uma cartilha emitida pelo Governo Federal ainda

traz um compilado de informações acerca de ações relacionadas ao autocuidado das mulheres no período de isolamento social, e informa a respeito dos sinais que podem indicar o início de uma situação de violência. Ainda pontua algumas atitudes dos parceiros potencialmente violentos que surgem durante a pandemia, como dificultar acesso a produtos de higiene como sabonete e álcool em gel, bloqueio da rede de apoio da mulher, incluindo a família e amigos próximos, controle quanto ao acesso ao telefone, impedimento do acesso às redes de atenção à saúde da mulher, intensificar medidas de isolamento, entre outros. Vale ressaltar que estas medidas comumente podem estar associadas à uma falsa preocupação do companheiro, com o pretexto de proteger a mulher de uma possível infecção pela COVID-19<sup>30</sup>.

Ainda é afirmado que mulheres idosas ou com alguma debilidade de saúde detêm maiores riscos de contaminação em locais públicos, os quais possibilitariam pedidos de ajuda. Também houve a percepção quanto aos bloqueios territoriais e sua influência na maior dificuldade de as mulheres executarem o plano de fuga quando em situações de violência. É imprescindível ressaltar a importância da Lei Maria da Penha como principal forma de garantia legal destas vítimas de agressões, visto que é direito obter acesso a serviços de apoio social, orientação judicial, assistência de saúde e solicitação de medidas protetivas. Da mesma forma, outros dispositivos estão disponíveis e se mostram importantes na elaboração de um plano de segurança, como o número da Polícia (190) ou o número de atendimento especializado para atendimento às mulheres (180)<sup>30</sup>.

### Considerações Finais

O presente estudo possibilitou interpretar que de fato existem determinados fatores associados ao estilo de vida, assim como questões do âmbito biológico, como raça/ cor, e principalmente de gênero, que se relacionam com maiores chances de vivenciar a violência por parceiro íntimo. Além disso, alguns aspectos como a baixa escolaridade, o maior número de filhos vivos e a dependência financeira do cônjuge estão diretamente relacionados ao aumento de casos de agressões.

Associada a estes elementos, a pandemia se mostra como intensificadora das tensões intrafamiliares à medida que é possível identificar maior instabilidade econômica dos países afetados. Isso acarreta um cenário com taxas de desemprego crescentes e, por conseguinte, renda familiar reduzida.

A queda do rendimento das famílias se mostra como fator importante quando analisamos as influências nos casos de VPI, visto que torna mais frequente os momentos de tensão conjugal, seja por incertezas quanto ao futuro, seja por estresses causados por cobranças como a compra de produtos de higiene e proteção a pandemia (sabão, álcool em gel, máscaras).

Também se percebe que o consumo de álcool está diretamente relacionado com os casos de VPI, havendo estudos que analisam os períodos de agressão relacionados ao consumo prévio de álcool e, em contrapartida, a redução



considerável quando em momentos de abstinência alcoólica pelos parceiros.

Já relacionado às características das agressões, foi possível constatar que os casos mais frequentes se configuravam como agressão física, seguida por violência sexual, em que o estupro era, majoritariamente, o método mais recorrente. Também se identificou que o domicílio é o local onde mais se cometem as agressões, havendo ainda transição em relação ao período em que mais ocorrem.

Vale ressaltar que, por se tratar de um tema intrínseco a tabus, medo e falta de credibilidade em relação as denúncias das vítimas, muitos dados obtidos pelas

pesquisas podem ter seus resultados “camuflados” por subnotificações, impedimentos quanto às denúncias – como ameaças à mulher, ou até mesmo mais agressões.

Ainda foi possível identificar através desta revisão, a escassez de produções relacionadas à enfermagem e seu papel no enfrentamento da VPI. Dessa forma, é importante que este tema seja difundido cada vez mais, principalmente no âmbito da saúde/ enfermagem, abordando a necessidade do profissional quanto a escuta qualificada, acolhimento nas portas de entrada do SUS e percepção em relação a fatores das mulheres ou de seus parceiros que se configurem como possíveis ambientes favoráveis à violência.

## Referências

1. Organização Mundial da Saúde. Reducir las inequidades sanitarias actuando sobre los determinantes sociales de la salud [Internet]. Sexagésima Segunda Assembleia Mundial da Saúde; 18-22 de maio de 2009; Genebra, Suíça [Internet]. Genebra: OMS; 2009 [acesso em 10 nov 2023]. Disponível em: [http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf\\_files/WHA62-REC1/WHA62\\_REC1-sp-P2.pdf](http://apps.who.int/gb/ebwha/pdf_files/WHA62-REC1/WHA62_REC1-sp-P2.pdf)
2. Buss PM, Pellegrini Filho A. Determinantes sociais da saúde. Cad. Saúde Pública. 2006;22(9). <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2006000900001>
3. Carvalho IMM. Segregação, vulnerabilidade e desigualdades sociais e urbanas. Civitas, Rev. Ciênc. Soc. [Internet]. 2020 [acesso em 24 mai 2021];20 (2). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/civitas/a/4WdzxmcMx9gKjLkLTn89C3w/?lang=pt>
4. Paules CI, Marston HD, Fauci AS. Coronavirus Infections-More Than Just the Common Cold. JAMA. 2020 Feb 25;323(8):707-708. doi: 10.1001/jama.2020.0757
5. Cao W, Fang Z, Hou G, Han M, Xu X, Dong J, Zheng J. The psychological impact of the COVID-19 epidemic on college students in China. Psychiatry Res. 2020 May;287:112934. doi: 10.1016/j.psychres.2020.112934
6. Universidade Aberta do Sistema Único de Saúde (UnaSus). Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo coronavírus [Internet]. UnaSus; 2020 [acesso em 24 mai 2021]. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus>
7. Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS). OMS afirma que COVID-19 é agora caracterizada como pandemia [Internet]. Genebra: OPAS/OMS; 2020 [acesso em 24 mai 2021]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>
8. Figueiredo AM, Figueiredo DCMM, Gomes LB, Massuda A, Gil-García E, Vianna RPT, Daponte A. Determinantes sociais da saúde e infecção por COVID-19 no Brasil: uma análise da epidemia. Rev bras enferm. 2020;73. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2020-0673>
9. Observatório COVID-19 (BR). Brasil Registro 3.650 Mortes por COVID-19, novo recorde em 24 horas [Internet]. iG Saúde; 2021 [acesso em 24 mai 2021]. Disponível em: <https://saude.ig.com.br/coronavirus/2021-03-26/brasil-registra-3650-mortes-por-covid-19-novo-recorde-em-24-horas.html>
10. Silva T. Brasil é o pior país do mundo no combate à pandemia, aponta estudo. Rede Brasil Atual; 2021 [acesso em 24 mai 2021]. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/saude-e-ciencia/2021/01/brasil-e-o-pior-pais-do-mundo-no-combate-a-pandemia-aponta-estudo/>
11. Cerqueira D., et al. Atlas da violência 2021 [Internet]. São Paulo: FBSP; 2021 [acesso em 24 mai 2022]. Disponível em: [www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf](http://www.forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2021/12/atlas-violencia-2021-v7.pdf)
12. Hecksher M. Inaudíveis: quem deixou de ser coberto pelas pesquisas telefônicas diferenças em relação aos registros administrativos. Brasília: Ipea; 2021.(Nota Técnica Disoc, n. 95).
13. Heise L, Garcia-Moreno C. Violence by intimate partners. In E. Krug, L. L. Dahlberg, & J. A. Mercy et al. (Eds.), World report on violence and health. Geneva: WHO; 2002.
14. Minayo MCS. Laços perigosos entre machismo e violência. Ciência & Saúde Coletiva [Internet]. 2005 [acesso 26 mai 2021];10(1):18-34. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/gvk6bsw36SPbzckFxmN6Brp/?lang=pt>
15. Roesch E, Amin A, Gupta J, García-Moreno C. Violence against women during covid-19 pandemic restrictions. BMJ. 2020 May 7;369:m1712. doi: 10.1136/bmj.m1712
16. Sanchez A, et al. COVID-19 nas prisões: um desafio impossível para a saúde pública? Cadernos de Saúde Pública. 2020;36(5):1-5. doi: 10.1590/0102-311x00083520
17. Forum Brasileiro de Segurança Pública. Informação para gerar transformação [Internet]. 2020 [acesso em 24 mai 2022]. Disponível em: [www.forumseguranca.org.br](http://www.forumseguranca.org.br)
18. Souza MT, Silva MD, Carvalho R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo). 2010;8(1). <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>
19. Whittemore R, Knaf K. The integrative review: updated methodology. J Adv Nurs. 2005 Dec;52(5):546-53. doi: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x
20. Mendes KDS, Silveira RCCP, Galvão CM. Revisão Integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto Contexto Enferm [Internet]. 2008 [acesso em 10 nov 2023];17(4):758-764. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/XzFkq6tjWs4wHNqNjKJLkXQ/?format=pdf&lang=pt>





21. Oliveira DC. Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. Rev. enferm. UERJ [Internet]. 2008 [acesso em 24 mai 2022];16(4):569-76. Disponível em: <http://files.bvs.br/upload/S/0104-3552/2008/v16n4/a569-576.pdf>
22. Oliveira W, et al. Violência por parceiro íntimo em tempos da COVID-19: scoping review. Psic., Saúde & Doenças [Internet]. 2020 [acesso em 23 nov 2021];21(3):606-623. Disponível em: [http://scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862020000300606&lng=pt&nrm=iso](http://scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862020000300606&lng=pt&nrm=iso)
23. Silva AF, Estrela FM, Soares CFS, Magalhães JRF, Lima NS, Morais AC, Gomes NP, Lima VLA. Elementos precipitadores/intensificadores da violência conjugal em tempo da Covid-19. Ciênc. saúde coletiva 2020 [acesso em 23 nov 2021];25(9). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/yFfYg7zWxBwVRJp7GrLwJpf/?lang=pt>
24. Cortes LF, Arboit J, Gehlen RGS, Tassinari TT, Vieira LB, Padoin SMM, Landerdahl MC. Desafios na proteção às mulheres em situação de violência no contexto de pandemia da covid-19. Ciênc. cuid. Saúde [Internet]. 2020 [acesso em 23 nov 2021];19:e54847. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1122855>
25. Yoshizawa JK, Carvalho MDB. Diminuição no uso de bebidas alcoólicas e a violência pelo parceiro íntimo. Rev. bras. med. fam. Comunidade [Internet]. 2020 [acesso em 23 nov 2021];15(4):2263-2263. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1097396>
26. Santos MS, Macena RHM, Mota RMS, Souza WM, Sousa JEP, Cavalcante FWS, Câmara KJC. Fatores associados ao uso do álcool entre homens autores de violência por parceiro íntimo no Ceará. J. Health Biol. Sci. (Online) [Internet]. 2019 [acesso em 23 nov 2021];7(4):341-350. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1023049>
27. Vieira PR, Garcia LP, Maciel ELN. Isolamento social e o aumento da violência doméstica: o que isso nos revela? Rev. bras. Epidemiol [Internet]. 2020 [acesso em 23 nov 2021];23. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbepid/a/tqcyvQhQyjtQM3hXRywsTn/?lang=pt2021>
28. Paixão GPN, Gomes NP, Diniz NMF, Pereira A, Costa DMSG, Mota RS. Características sociodemográficas e conjugais de mulheres com história de violência conjugal. Rev. APS [Internet]. 2019 [acesso em 23 nov 2021];22(1):47-62. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1102630>
29. Oliveira CAB, Alencar LN, Cardena RR, Moreira KFA, Pereira PPS, Fernandes DER. Perfil da vítima e características da violência contra a mulher no estado de Rondônia – Brasil. rev. cuid. (Bucaramanga. 2010) [Internet]. 2019 [acesso em 23 nov 2021];10(1):e573. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1043556>
30. Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (BR). Cuidando da saúde mental e enfrentando a violência doméstica e familiar contra a mulher: autocuidado e autopreservação durante a pandemia de COVID-19 [Internet]. 2020 [acesso em 21 nov 2021]. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2020-2/outubro/cartilha-traz-dicas-de-autocuidado-e-autopreservacao-para-mulheres/cartilhamulheressademental.pdf>

